

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: FORMANDO LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LITERACY AND LITERACY: FORMING READERS IN THE EARLY GRADES OF ELEMENTARY SCHOOL

ALFABETIZACIÓN Y ALFABETIZACIÓN: FORMAR LECTORES EN LOS PRIMEROS GRADOS DE LA ESCUELA PRIMARIA

Michelle Castro Lima¹

Ana Lucia Ribeiro do Nascimento²

Sangelita Miranda Franco Mariano³

Resumo: O baixo aproveitamento dos alunos das escolas públicas do município de Morrinhos (GO), no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), desperta a atenção para os problemas relacionados à formação do leitor na educação infantil. Neste contexto, analisamos as práticas de leitura nas salas das séries iniciais do Ensino Fundamental do município, a partir de algumas questões: O que são mediadores de leitura? Quem desempenha esse papel nos diversos âmbitos em que o aprendiz de leitor circula? O que são práticas de mediação de leitura? O objetivo do trabalho foi entender como se forma um leitor no processo de alfabetização a partir das concepções de letramento. Inicialmente, assistimos 25 aulas a fim de verificar as práticas de leitura implementadas, e observamos que as crianças manifestam grande interesse pela leitura, escrita e que realizam várias hipóteses de trato com essas duas atividades. Esse engajamento vai paulatinamente diminuindo conforme vai aumentando o grau de escolaridade desses alunos. Ademais, as avaliações apresentaram dificuldades com relação a compreensão básica da leitura e possibilidades da escrita.

Palavras-chave: Leitura; mediador; alfabetização.

Abstract: The low performance of students from public schools in the municipality of Morrinhos (GO), in the Basic Education Development Index (Ideb), draws attention to the problems related to the formation of readers in early childhood education. In this context, we analyzed the reading practices in the classrooms of the initial grades of Elementary School in the municipality, based on some questions: What are reading mediators? Who plays this role in the different areas in which the reader's apprentice circulates? What are reading mediation practices? The objective of the work was to understand how a reader is formed in the literacy process based on literacy conceptions. Initially, we attended 25 classes in order to verify the implemented reading practices, and we observed that children show great interest in reading and writing and that they carry out several hypotheses of dealing with these two activities. This engagement gradually decreases as the level of schooling of these students increases. Furthermore, the assessments presented difficulties in relation to basic reading comprehension and writing possibilities.

Keywords: Reading; mediator; literacy.

Resumen: El bajo desempeño de los alumnos de las escuelas públicas del municipio de Morrinhos (GO), en el Índice de Desarrollo de la Educación Básica (Ideb), llama la atención sobre los problemas relacionados con la formación de lectores en la educación infantil. En ese contexto,

¹ Universidade Federal de Catalão.

² Instituto Federal Goiano / Estado de Goiás.

³ Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Morrinhos.

anizamos las prácticas lectoras en las aulas de los grados iniciales de la Enseñanza Fundamental del municipio, a partir de algunas preguntas: ¿Qué son los mediadores lectores? ¿Quién juega este papel en los diferentes espacios por los que circula el aprendiz de lector? ¿Qué son las prácticas de mediación lectora? El objetivo del trabajo fue comprender cómo se forma un lector en el proceso de alfabetización a partir de las concepciones alfabetizadoras. Inicialmente asistimos a 25 clases para verificar las prácticas lectoras implementadas y observamos que los niños muestran gran interés por la lectura y la escritura y que realizan varias hipótesis de manejo de estas dos actividades. Este compromiso disminuye gradualmente a medida que aumenta el nivel de educación de estos estudiantes. Además, las evaluaciones presentaron dificultades en relación con la comprensión lectora básica y las posibilidades de escritura.

Palabras clave: Lectura; mediadora; alfabetización.

Introdução

A alfabetização é uma temática que permeia as políticas públicas educacionais e o governo federal. Nos últimos anos, percebeu-se o investimento na formação inicial e continuada de professores como intuito de diminuir os altos índices de analfabetismo brasileiro. Observamos nesse cenário, a preocupação dos gestores públicos com a adequação entre idade/série e a permanência do aluno na educação básica. O PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa foi um programa do governo federal, e visava a formação de professores que atuam no ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental). Com a finalidade de diminuir os índices de analfabetismo e fazer a adequação idade/série das crianças que estão sendo alfabetizadas, esse programa voltava-se para a alfabetização e o numeramento de crianças. Vale a ressalva de que, durante o mandato do governo Michel Temer e do governo de Jair Bolsonaro, o PNAIC foi desativado e o ciclo de alfabetização, de 03 anos, foi reduzido para 02. Agora, as crianças devem ser alfabetizadas até o final do segundo ano do ensino fundamental.

Quando pensamos em alfabetização, não podemos desvinculá-lo do conceito de letramento. Pensamos que, os professores deverão ser capazes de preparar os estudantes para uma trajetória de sucesso no ambiente escolar por meio do domínio adequado dos códigos da língua escrita e falada. Assim como dos demais códigos de comunicação socialmente estabelecidos, o letramento proporciona uma correta articulação entre os saberes escolares aqueles que os indivíduos trazem consigo de seu meio social. Nesse sentido, “a leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando versões sobre o mundo, com relação à vida em si mesma” (KRUG, 2015, p. 01).

Na atualidade, saber ler e escrever tem se mostrado insuficiente para satisfazer a demanda contemporânea estabelecida por uma sociedade grafocêntrica, onde compreender a leitura e saber fazer o uso social dessa leitura e da escrita pode possibilitar melhores condições de vida para o indivíduo. É necessário ir além da decodificação de signos, é preciso saber fazer uso da escrita e da leitura no dia a dia em sua amplitude como função social: a de ler o mundo. Tendo em vista que vivemos numa sociedade cercada por uma diversidade linguística, com as quais interagimos através de seus distintos signos e significantes, compreendemos que é preciso, ao sujeito, letrar-se.

Nesse cenário complexo, outro desafio se coloca àqueles que se dispõem a ensinar a ler: a relação entre mediação de leitura e a formação do gosto. Mediar a leitura é também torná-la prazerosa, ou ainda mais: é instrumentalizar o sujeito com habilidades linguísticas que o permitam encontrar prazer na atividade leitora. Prazer esse que é da ordem da estética, pautado na percepção dos jogos de sentido que a linguagem nos permite fazer e na beleza da arquitetura que compõe um texto. Nessa perspectiva, uma prática pedagógica que crie expectativas no

aluno com relação ao texto e a construção de ambientes próprios a leitura e que favoreçam o contato com diversos materiais de leitura estão na ordem do dia.

Levando em conta a necessidade de levantar expectativas de leitura, iremos refletir sobre a maneira como a escola, mediadora de leitura, vem lidando com a expectativa inicial que, normalmente, as crianças manifestam. O baixo aproveitamento dos alunos das escolas públicas do município de Morrinhos (GO), no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB⁴), desperta a atenção para os problemas com relação à formação do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental. Neste contexto, buscamos analisar as práticas de leitura nas salas das séries iniciais do Ensino Fundamental do município de Morrinhos a partir de algumas questões norteadoras: o que são mediadores de leitura? quem desempenha esse papel nos diversos âmbitos em que o aprendiz de leitor circula? o que são práticas de mediação de leitura? Mediar a leitura é também torná-la prazerosa, é instrumentalizar o sujeito com habilidades linguísticas que o permitam encontrar prazer na atividade leitora.

Para desenvolver o trabalho acompanhamos 06 turmas do ciclo de alfabetização, do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, durante dois anos. Observamos as aulas e conversamos com as professoras, além disso, analisamos os dados do IDEB dessa escola.

Na próxima seção iremos apresentar a escola e o contexto analisado, posteriormente discutiremos o conceito de mediadores de leitura para compreendermos como a escola compreende o processo de alfabetização e letramento a partir da mediação.

Contexto analisado

Para compreender a pesquisa desenvolvida se faz necessário identificar a realidade da escola analisada para tal iremos discorrer sobre o lugar que ela ocupa na cidade de Morrinhos. A Escola Municipal D.B. atende alunos de 06 a 10 anos, está localizando na periferia da cidade e recebe muitos alunos da zona rural. Na cidade há uma rotatividade de habitantes devidos as plantações de Cana de Açúcar na região, além disso a cidade tem muitos imigrantes do Haiti. Devido a sua localização ela atende além dos alunos da zona rural 05 alunos que vieram do Haiti e alguns alunos que acompanham os pais durante o período de colheita da Cana de Açúcar, estes alunos normalmente são matriculados durante o período letivo e não terminam o ano na escola, o que ocasiona uma alta rotatividade de alunos na escola.

Próximo a escola tem um posto de saúde que atende a população da região, porém algumas famílias têm dificuldade de acesso a esse atendimento devido a rotatividade, por não permanecerem na cidade por um longo período.

Como a escola atende alunos filhos de trabalhadores de uma classe economicamente desfavorecida ela tem um projeto de atendimento integral para parte das crianças. O atendimento integral não é para todos os alunos e para aqueles que são contemplados com o atendimento integral é oferecido um acompanhamento educacional, com direito a refeições e atendimento médico e odontológico.

Após compreender quem são os alunos atendidos na Escola Municipal D.B, acompanhamos as aulas das turmas do ciclo de alfabetização⁵ (1º ao 3º ano do ensino fundamental) identificamos que os alunos têm dificuldades para ler e escrever. Que a concepção de mediador de leitura não é clara para os docentes e que as práticas de leitura em sala de aula não consideram as questões sociais que envolvem esses alunos e também não buscam instrumentalizar o sujeito com habilidades linguísticas que o permitam encontrar prazer na atividade leitora.

⁴ Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica foi formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

⁵ Realizamos a pesquisa no ano de 2018 quando o ciclo de alfabetização ainda era de 03 anos, do primeiro ao terceiro ano.

Os professores estão muito preocupados em responder aos seus superiores. Eles trabalham os conteúdos disciplinas a fim de vencer todos os conteúdos pré-estabelecidos pela matriz curricular do município, e, por vezes, abandonam a ideia de letramento e a formação do leitor a fim de terminar todo o conteúdo até o fim do ano letivo.

O que encontramos é uma realidade muito complexa que valoriza as normativas em detrimento da formação do leitor e do letramento. O que explica em parte os baixos rendimentos nas avaliações externas que estão explicitados na análise do IDBE da escola que hoje é 5,5).

Além disso, existe a problemática relacionada a formação dos professores, segundo Krug (2015):

Um profissional da Educação sem preparo, que pouco conhece os textos em circulação, desprovido de recursos para conduzir seus alunos ao caminho da leitura, desconhecido de técnicas e metodologias adequadas, não se efetivará nesse processo. Ele, como mediador do hábito de ler, deverá propiciar atividades práticas que se fundamentam nessa lógica criando diferentes momentos de leitura alicerçadas em estratégias capazes de promover distintos níveis de letramento (KRUG, 2015, p. 02).

Durante a pesquisa identificamos que alguns professores não têm formação para atuar nas salas de alfabetização e que não pensam a mediação da leitura como possibilidade para alfabetização das crianças.

A escola municipal analisada não possui biblioteca e as professoras utilizam os livros enviados pelo PNAIC nos chamados cantinhos da leitura dentro da sala de aula. O cantinho da leitura é um espaço dentro da sala de aula localizado próximo à mesa dos professores, um porta-livros com alguns livros de literatura infantil. Apenas 01 turma do terceiro ano, vamos chamar de 3ºL, utilizava os livros em projetos e atividades de leitura regularmente. As outras turmas utilizavam o cantinho da leitura como premiação para os alunos que se comportaram durante a aula, desta forma, no final da aula quando sobrava tempo e os alunos se comportavam a professora liberava os livros do cantinho da leitura.

Já a turma do terceiro ano tinha um projeto de leitura no qual uma vez por semana 02 alunos escolhiam e levavam um livro para casa. Eles tinham uma semana para ler e fazer uma síntese analítica da leitura da obra escolhida.

Durante as observações percebemos maior desenvoltura na leitura, na escrita e no diálogo da turma 3ºL. Os alunos dessa turma participavam ativamente dos diálogos realizados durante as aulas e ainda compreendiam as leituras que realizavam. Descarte, as professoras com formação e compreensão da importância da leitura e da mediação no processo de alfabetização conseguiram alfabetizar e letrar os alunos formando leitores.

Mediadores de leitura: quem são? o que fazem? o que precisam saber?

O termo mediador deriva do latim *mediatore*, e significa aquele que media ou intervém. De um modo geral, podemos então designar como *mediador de leitura*, toda e qualquer pessoa que facilita a aproximação entre um indivíduo e os diversos materiais de leitura.

Costumava-se dizer que, nesse sentido, os primeiros mediadores da leitura, ainda na infância, são os pais, que seriam, mais tarde, sucedidos pela escola. No entanto, a realidade que se verifica na nossa sociedade é bem diversa.

Em um trabalho sobre o ensino da escrita, Riolfi (2004) traz alguns aspectos sobre os quais podemos refletir e que também se relacionam ao ensino da leitura. Tratando do prestígio

de que a cultura letrada gozava e que já não se verifica mais, a autora chama a atenção para uma cena paradoxal: ao mesmo tempo em que caminhamos diminuindo cada vez mais as taxas de analfabetismo, “perdemos o amor pela escrita como um fator social generalizado, o mantendo, apenas, como um fenômeno isolado e pontual” (RIOLFI, 2004, p. 279)

Considerando que os materiais de leitura são da ordem do escrito e levando em conta que a escrita já não ocupa o lugar de centralidade nas relações sociais e no seio das famílias, podemos afirmar que a escola (e, portanto, os professores) – hoje, como principal veiculadora da leitura e da escrita – encontra-se diante de um desafio que se subdivide: ensinar a ler, ensinar a ler bem e ensinar o valor e o gosto pela leitura.

A escola, por meio dos seus atores professores, alunos, supervisor etc., torna-se, então, importante – se não, principal – mediadora da leitura para as reais aquisições dos educandos. É preciso considerar que esses estudantes, não raro, chegam à escola defasados quanto aos pré-requisitos para o estabelecimento de uma relação qualitativa com a leitura escolarizada. É importante entender que esse descompasso entre o que os alunos possuem e o que a escola espera deles em termos de leitura (habilidades de leitura, repertório) descende não só da diferença de capital cultural de um e de outro, mas também de uma nova ordem social, na qual a cultura do escrito goza de outro status.

Embora compreendamos que, nesse cenário, todos os setores da escola e todos os que nela trabalham devem desempenhar a mediação de leitura (os bibliotecários, que devem apresentar e levar a cabo um Plano de Ação e Atendimento alinhado com essa preocupação; o diretor, que viabiliza os acontecimentos dentro da instituição; a secretaria, que organiza o mural de recados e prestações de serviços), nesse artigo, procuraremos refletir acerca da figura do professor nesse processo.

Começamos, então, propondo uma analogia que pode nos ajudar a ganhar em clareza sobre o papel do professor, como *mediador de leitura*. Ao falar de mediador, uma figura que talvez nos seja emblemática é a do jornalista que media os debates entre candidatos a cargos eletivos (presidente, governador). Nos debates entre candidatos, são funções do mediador: dirigir questionamentos aos candidatos, organizar os turnos (ordem de fala, tempo de fala), chamar a atenção para excessos que se relacionam tanto com o conteúdo das falas (agressões verbais, acusações improcedentes), como também com os limites impostos pelo próprio gênero debate (não “cabe” nos limites do gênero debate, o candidato apresentar uma receita de um prato de sua preferência, para usar um exemplo extremo).

O papel do professor no processo de mediação de leitura se aproxima, em certa medida e em linhas gerais, do mediador de debates. Na lida com as atividades de leitura, na sala de aula, o professor deve organizar questionamentos acerca do texto, levantar hipóteses de leitura, selecionar com os alunos as melhores estratégias de abordagem de determinado texto, auxiliar na condução de uma leitura que não extrapole os limites que o próprio texto impõe ao leitor, tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto do ponto de vista estrutural, que caracteriza cada gênero.

Nesse sentido, é importante que o professor tenha conhecimento sólido de algumas concepções teóricas acerca dos elementos fundamentais envolvidos no trabalho de leitura: o texto, o leitor e a própria leitura. Para além das questões de infraestrutura e relacionadas às políticas públicas de incentivo não só à leitura, mas à docência, há questões de ordem conceitual que precisam estar bem claras ao docente que pretende assumir o papel de mediador de leitura. Reconhecemos que a prática docente é inevitavelmente enviesada por questões que transcendem o espaço da sala de aula, mas gostaríamos de, nesse texto, pontuar alguns aspectos teóricos acerca da leitura que devem fundamentar e subsidiar uma prática mediadora entre alunos e texto.

O texto é um lugar de interação, sendo seus sentidos construídos dialogicamente

Em primeiro lugar, delimitar uma concepção de texto é fundamental, porque a mesma deriva da concepção que se tem de sujeito no processo de leitura do mesmo. Ambas as concepções são determinantes na escolha dessa ou daquela prática de ensino de leitura.

A do texto como espaço dialógico é a que nos permite conceber uma leitura que possa ser mediada, uma vez que admite a função dos sujeitos envolvidos na leitura na construção de sentidos.

Entendido, o texto, como um sistema simbólico semiaberto, admite-se que seus sentidos se completam na interação dos sujeitos leitores com o mesmo, resguardados os limites que o próprio texto nos coloca. A leitura torna-se, assim, uma atividade complexa.

Assim, na interação entre sujeito e texto na sala de aula, abre-se espaço para que a mediação de leitura se dê dialogicamente, uma vez que a construção de sentidos se dá não só pela decodificação dos signos dispostos na materialidade do texto, mas também na interpretação de implícitos, na medida em que os mesmos façam parte do acervo de conhecimentos enciclopédicos que o sujeito traga consigo.

Os sentidos se constroem dialogicamente, mas o texto impõe limites

Conforme já apresentado, os sentidos de um texto se constroem a partir de uma série de operações dialógicas que o leitor empreende em relação ao objeto lido. Isso equivale a dizer que é apenas na leitura do sujeito que o texto se faz completo. O texto ganha em sentido na operação de desconstrução e reconstrução operada por quem o lê.

Apesar disso, é importante saber que o leitor não é completamente livre para atribuir quaisquer sentidos a um texto, uma vez que a própria materialidade textual nos impõe limites de significação.

Possenti (1999), em um trabalho que discute a mobilidade do aspecto central das teorias do texto, defende que a leitura errada existe. Os motivos que podem levar alguém a fazer uma leitura equivocada são os mais diversos: razões linguístico-discursivas, falta de conhecimento enciclopédico sobre o conteúdo, prosódico (no caso de textos orais), uma vez que o equívoco é inerente a linguagem. Há que se levar em conta, ainda, os diferentes níveis de restrições linguístico-discursivas presentes em peças das mais diversas esferas de discurso. Isso porque há textos que permitem mais ou menos a interferência do leitor em sua interpretação, por serem mais ou menos polissêmicos, sendo que, em alguns casos, há uma só leitura possível e isso tem força de lei, para a interpretação.

Podem ser citados como exemplos de textos que ocupam polos extremos no eixo da polissemia, um texto literário, que permite maior circulação do leitor no exercício da interpretação e uma receita médica, sobre a qual não cabem elucubrações: se a prescrição é de, por exemplo, um comprimido a cada seis horas, totalizando quatro comprimidos ao fim de um período de vinte e quatro horas, não se pode “deslizar” no sentido e querer tomar quatro comprimidos, de uma só vez, a cada vinte quatro horas. Essa interpretação na leitura da receita médica poderia ser fatal a quem a realizasse.

Os exemplos discrepantes servem para alertar-nos o quanto importa que o professor esteja atento a esses aspectos e encaminhe sua prática no sentido de experimentar com os alunos atividades de leitura que os levem a interpretar os sentidos, no âmbito daquilo que o próprio texto autoriza, nas mais diversas situações discursivas em que um texto é produzido e/ou circula.

Esse trabalho pode se dar em situações muito simples da sala de aula, em que o professor atua dialogicamente, no momento da leitura, levando o aluno a focar-se nos limites do texto, para realizar suas interpretações.

É necessário conhecer as características do letramento da comunidade na qual os alunos estão inseridos

Conhecer antecipadamente as características de letramento da comunidade com a qual se trabalhará é de suma importância para a efetivação de uma prática mediadora de leitura. Isso porque para planejar sua prática, o professor precisa poder calcular o que o outro não sabe e em quais lacunas ele deve posicionar-se, oferecendo-se como ponte, para que a tarefa de leitura seja realizada com sucesso.

Em outras palavras, conhecer as características de letramento de uma comunidade é condição *sine qua non* para que o professor tenha condições de oferecer as chaves de leitura que são de fato necessárias para um determinado grupo realizar determinadas leituras, que ainda não fazem parte do seu acervo. Nesse sentido, é importante ressaltar que mediação de leitura não significa que o professor deva realizar a leitura pelo aluno, mas que necessita dar-lhes as instruções adequadas para que faça o movimento sozinho. Oferecer chaves de leitura é dar condições para que, apropriados de determinadas estratégias, cada indivíduo desenvolva seus percursos de leitura autonomamente, rumo ao sentido do texto.

O termo letramento está sendo aqui entendido como “um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, *letramentos*” (STREET, 1995 *apud* MARCUSCHI, 2001, 21).

Para pensar a necessidade de se conhecer as características de letramento de um grupo, retomamos aqui uma das acepções apresentadas por Britto (2003). O autor apresenta, em segundo lugar, uma distinção reside na dicotomia entre as dimensões individual e coletiva de letramento. Segundo o autor, a dimensão coletiva não deve ser entendida como “a somatória das competências ou habilidades singulares, mas sim formas de organização social, de intercâmbio e de produção de produtos, da circulação de cultura, de estabelecimento de valores e padrões de comportamento” (BRITTO, 2003, p. 11) É essa distinção que nos interessa, sobremaneira, por ter implicações metodológicas na escolha das práticas docentes, assim como avaliativas na mediação da leitura com grupos.

Considerações finais

Nesse cenário complexo, um dos desafios se coloca àqueles que se dispõem a ensinar a ler: a relação entre mediação de leitura e a formação do gosto. Mediar a leitura é também instrumentalizar o sujeito com habilidades linguísticas que os permitam encontrar prazer na atividade leitora. Prazer esse que é da ordem da estética, pautado na percepção dos jogos de sentido que a linguagem nos permite fazer e na beleza da arquitetura que compõe um texto. Nessa perspectiva, uma prática pedagógica que crie expectativas no aluno com relação ao texto e a construção de ambientes próprios a leitura e que favoreçam o contato com diversos materiais de leitura estão na ordem do dia.

Levando em conta a necessidade de levantar expectativas de leitura, cumpre refletirmos sobre a maneira como a escola, mediadora de leitura, vem lidando com a expectativa inicial que, normalmente, as crianças manifestam. Observando as crianças em nossas escolas, nas séries iniciais, é possível constatar que elas manifestam grande interesse pela leitura e pela escrita e que realizam várias hipóteses de trato com essas duas atividades, porém a forma que o educador tem tratado essas percepções dos alunos está dificultando o processo de alfabetização e letramento.

Desta forma, as professoras que utilizam a leitura como forma de preencher o tempo restante da aula, em sua maioria são professoras conteudistas, não compreendem a mediação da leitura no processo de alfabetização e formação de leitores, isso fica claro no diálogo que tivemos com as professoras.

Referências

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

KRUG, Flavia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. *REI – Revista de Educação do IDEAU*, Getúlio Vargas, v. 10, n. 22, p. 1-14, 2015. Disponível em: https://www.getulio.ideau.com.br/wp-content/files_mf/b80cee602abb950b63a6d6c5cb43df40277_1.pdf. Acesso em: 25 fev. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez: 2001.

POSSENTI, Sírio. A leitura errada existe. In: BARZOTTO, V. H. *Estado de leitura*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil/Mercado de Letras, 1999, p. 169-178.

RIOLFI, Claudia Rosa. Ensinar a escrever: perspectivas e desafios na contemporaneidade. In: GERALDI, C. M.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. F (Org.). *Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas: Mercado de Letras. 2004. p. 317-332.

Sobre as autoras

Michelle Castro Lima. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU (2016), mestrado em Educação pela UFU (2011) e graduação em Pedagogia pela UFU (2007). Atualmente professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização, memória, formação de professores, práticas e currículo. *E-mail*: michellelima@ufcat.edu.br.

Ana Lucia Ribeiro do Nascimento. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Uberlândia – UFU – Conclusão em 2023. Mestre em Educação – Campus Catalão pela Universidade Federal de Goiás (2019). Graduada em Pedagogia no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos (2016). Atualmente atua no Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, como docente no curso de Pedagogia. *E-mail*: nascimento.analurib@gmail.com.

Sangelita Miranda Franco Mariano. Graduada em Pedagogia; Especialista em Docência na Educação Superior, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atuou como professora na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental na rede pública municipal de Uberlândia-MG. Atualmente trabalha no Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, como docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Atua como professora nos cursos de licenciatura em Pedagogia; Química e no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (ProfEPT). É coordenadora de área do Programa Residência Pedagógica (PRP) – Subprojeto Pedagogia – Alfabetização e coordena o estágio curricular supervisionado desenvolvido nas creches e pré-escolas. *E-mail*: sangelita.mariano@ifgoiano.edu.br.